



Gerais urbanos: Agroecologia, cultivo e consumo de alimentos na cidade de Montes Claros¹

Eduardo Magalhães Ribeiro
Giliarde de Souza Brito
Flávia Maria Galizoni
Hélder dos Anjos Augusto

Migrações

A região Norte de Minas Gerais passou por uma grande transformação agrária entre fins da década de 1960 e o começo da década de 1980. A mudança foi promovida pela implementação de uma série de políticas públicas, que mobilizaram interesses agrícolas e industriais para *modernizar* o rural. Esse movimento foi associado à expansão da pecuária, com o gado zebu criado em pastagens plantadas, substituindo o antigo *curraleiro* que vivia em *soltas* nos chapadões. Compreendeu também a ocupação de grandes áreas de terras com eucaliptos, a drenagem de veredas e buritizais para cultivo irrigado e o corte da vegetação nativa para produzir carvão e abastecer o pólo de ferro-gusa da região central de Minas Gerais.

As mudanças na estrutura fundiária e produtiva provocaram sérios impactos sobre a população camponesa da região. Primeiro, estimularam a tomada de terras camponesas pelos novos negócios, forçando o deslocamento de parte da população rural para áreas urbanas. Segundo, a apropriação de grandes áreas de terras pelas firmas fechou a fronteira agrícola do Norte de Minas Gerais que permanecera aberta até o início dos anos 1980. Daí em diante, os camponeses que conservaram seus sítios assistiram, a cada geração, à emigração de novas levas de deserdados que tiveram que sair da terra, para que apenas um dos irmãos permanecesse no terreno da família.

Essa ofensiva de interesses empresariais sobre a região se manifestou de diversas formas: melhorou o rendimento físico da pecuária bovina graças à genética e aumentou a capacidade de suporte dos pastos com a introdução

de gramíneas africanas. Por outro lado, criou uma problemática agricultura irrigada, estabeleceu os eucaliptais nas áreas elevadas das chapadas, converteu as áreas de caatingas em patrimônio de grandes empresas, acuou a agricultura camponesa em terras piores e mais secas, tornou escassa a água nos gerais graças à drenagem de veredas, o que tornou mais *custoso* enfrentar os longos períodos de estiagem, uma vez que foi necessário criar programas dispendiosos de abastecimento, como carros-pipas e poços artesianos.

A modernização agrária – como se dizia nos anos 1970 – trouxe consequências negativas também para as áreas urbanas da região, pois a tomada de terras provocou um rápido crescimento da população das cidades. Mais tarde, em decorrência do fechamento da fronteira agrícola, foi criado um fluxo contínuo de emigração para as cidades. Montes Claros se transformou então no principal destino dos movimentos migratórios dessa vasta região.

No último meio século, a população urbana de Montes Claros cresceu num ritmo muito superior à média do estado: a população da cidade triplicou entre 1960 e 1980 e novamente duplicou entre 1980 e 2001. Esse ritmo de expansão não pode ser atribuído apenas ao crescimento vegetativo da população. Explica-se, em grande parte, pelos novos afluxos de migrantes gerados pela combinação de expulsão do campo e atração da cidade que existiu até os anos 1980. Mas, mesmo depois desse momento, o crescimento em Montes Claros permaneceu acelerado, indicando que a expulsão e atração continuaram existindo.

Num estudo feito na área urbana da cidade entre 2010/2011, Giliarde Brito mostrou a origem da população urbanizada nas últimas décadas, em sua grande maioria vinda do campo. Esses novos moradores da cidade associam a mudança para a cidade com a busca por trabalho e educação; mas também com a impossibilidade de continuar vivendo da terra.

Montes Claros

Montes Claros é a maior cidade do Norte de Minas Gerais. Polariza toda a região, uma vasta área dos vales dos rios Jequitinhonha e Pardo, além de parte do vale do rio São Francisco, no estado da Bahia. Situado na borda do semiárido, o município recebeu desde a década de 1960 incentivos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) para instalar empresas e formar um parque industrial. Esses investimentos não serviram para gerar grande dinamismo industrial, mas estimularam o surgimento de um setor de serviços bastante forte, que sustentou o crescimento da cidade ao longo do último meio século.

Além dessas características econômicas, Montes Claros apresenta uma dotação muito original de recursos naturais. O município fica numa tripla confluência de Cerrado com Mata Seca e Gerais. Assim, exhibe um conjunto alternado e complexo

¹ A pesquisa que originou este artigo recebeu apoio do CNPq (475382/2009) e Fapemig (PPM0464-10).

de solos, climas, paisagens e regimes de chuvas. Essa dotação original distribuiu, pelo espaço, recursos naturais muito distintos e que são usados também de formas muito diferentes.

Tomando como referência a sede do município, os recursos podem ser agrupados, grosso modo, em quatro grandes matrizes:

- ao norte, domina a mata seca, caracterizada por solos muito férteis, com uma cobertura vegetal exuberante, mas com poucos corpos de água e extrema sensibilidade à seca;
- ao sul e leste, dominam duas formações: nas montanhas próximas da sede do município ficam campos de altitude - áreas mais chuvosas, frias, de terras menos férteis e incontáveis nascentes; mais além ficam formações de cerrado, marcadas principalmente pelas sucessões de campos-sujos e cerrado estrito senso;
- a oeste, predomina a formação denominada no local de *gerais*, caracterizada pelos chapadões arenosos de baixa fertilidade, pela abundância de veredas úmidas cobertas por buritizais, pela vegetação arbórea de baixa estatura e capins nativos.

Nem sempre essas formações podem ser distinguidas de maneira assim tão nítida na paisagem. Há muita sobreposição entre elas, o que contribui para criar uma espantosa diversidade de recursos naturais em distâncias às vezes de poucos metros. Por isso, no uso agrícola, muitas vezes os sistemas tradicionais de cultivo combinam técnicas absolutamente distintas numa mesma unidade de produção. Também pode ocorrer que na mesma localidade rural os regimes de uso e apropriação do solo sejam tão diferentes quanto a diversidade dos recursos.

Tudo isso é mediado por um regime de chuvas também muito peculiar. O município de Montes Claros pode apresentar um período chuvoso regular, bem

distribuído entre outubro e abril. Entretanto, por estar situado na *porta* do semiárido, a chuva quase sempre é concentrada, precipitando toda a água em poucas semanas ou meses, eventualmente ocorrendo ciclos de seca. Dessa maneira, cada formação e seu respectivo conjunto de recursos darão uma resposta produtiva específica às variações das chuvas, fazendo com que em alguns locais haja escassez de alimentos e forragens, contrastando com a abundância em áreas próximas. Essa diversidade tão grande permite que sejam criados sistemas produtivos adaptados e também muito diferentes.

Na história rural do município, a capacidade de autoabastecimento recebe muito destaque. Hermes de Paula, autor de uma das mais respeitadas crônicas montesclarenses, escreveu que o município passou sem abalos pela grande crise agrícola do final dos anos 1930 graças à diversidade da produção e dos sistemas produtivos. Uma mostra dessa diversidade ainda aparece, viva, nas manhãs do sábado na feira livre da cidade.





Essa dotação tão diversificada de recursos e climas costuma representar uma sólida barreira para a implantação de sistemas produtivos homogêneos e intensivos em capital. O solo não necessita ou não responde à adubação química; a mecanização costuma conduzir rapidamente à compactação e à erosão; a capacidade de suporte nas áreas de Mata Seca varia de 5 a 0,5 animais por hectare num mesmo ano de acordo com as estações. No entanto, se por um lado essa diversidade torna difícil estabelecer uma agricultura intensiva baseada em trator, veneno e adubo, por outro, ela garante ótimos resultados quando manejada por agricultores tradicionais. Passando pelo crivo do conhecimento local, os recursos são usados de acordo com uma experimentação amadurecida em décadas, que toma como base e potencializa sua diversidade. A agricultura urbana de Montes Claros revela essas possibilidades, e este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa feita com agricultores urbanos em 2010/2011.

Agricultura urbana

Quando migraram para Montes Claros, muitos dos agricultores levaram a família e as esperanças, os endereços de parentes na cidade e o temor do futuro incerto. Mas levaram também um grande conhecimento de cultivos, mudas, sementes, solos e o desejo de continuar plantando. Nem sempre, porém, puderam implantar seus cultivos imediatamente. Às vezes se abrigavam com parentes que já viviam na cidade, ocupavam todo seu tempo trabalhando fora de casa e cumprindo muitas horas-extras. Ou, então, mesmo quando podiam se mudar, os quintais de suas casas eram muito pequenos, às vezes compartilhados com outras famílias ou abertos aos ataques de animais e aos furtos dos passantes, o que impedia que continuassem plantando.

O sonho de muitos deles era ter um terreiro próprio para manter seu cultivo. Por isso buscavam ao mesmo tempo casa e terreno próprios. E, como não foi fácil conseguir a

casa própria, levou tempo para que pudessem estabelecer a lavoura urbana. Muitos deles se aproveitaram de ocupações de terras, adquiriam lotes em conjunto com parentes também recém-migrados, compraram a prestação terrenos em bairros novos, distantes e sem estrutura ou *embolaram* recursos de pais, filhos, avós e netos para adquirir um lote. Foi preciso trabalho, economia, poupança, mas também a cooperação de parentes, que ajudaram na compra e na construção, emprestaram material e equipamento, compartilharam os lotes. É por isso que muitas famílias formam grandes grupos agregados de vizinhança e parentesco, e as casas são erguidas ao lado umas das outras, compartilhando áreas comuns e espaços.

Está certo que isso cria certa promiscuidade; mas cria também sistemas de proteção coletiva. Assim, donos de terrenos, cercados por parentes, poderão começar a plantar. Mas como o plantio exige, além da terra própria, muita dedicação, só vão se tornar agricultores urbanos depois de cumprir uma vida inteira de trabalho, quando já estão aposentados ou perto da aposentadoria, quando já são donos do seu tempo. E, como os homens são fisicamente mais frágeis, ficam muito estropiados pelo trabalho pesado ou morrem ainda na entrada da meia idade, logo no começo da aposentadoria, a maioria dos agricultores urbanos são mulheres.

São elas, em maioria, que sobrevivem aos maridos e podem retornar às práticas da infância, adolescência e juventude quando já estariam relegadas a cuidar dos netos e da casa. E, então, quase sempre já idosas, plantam como aprenderam: empregando técnicas tradicionais de manejo da terra, usando os recursos da natureza, redescobrimo o conhecimento guardado nas memórias e nas mãos que fazem do escasso solo urbano a terra prometida que lhes foi negada a vida inteira.

Além disso, plantam para o consumo da família. Por isso não gostam de usar sementes compradas, adubos químicos ou venenos. Querem, quase sempre, uma agricultura sem ve-

nenos e sadia – que consideram ser a mesma coisa –, um cultivo que comungue com o trato da terra que aprenderam na infância. No entanto, como não podem reconstruir toda a técnica material necessária para a produção apenas com os recursos da pequena área urbana, usam as viagens de recreio para visitar parentes na terra natal ou aproveitam as viagens dos amigos para encomendar mudas e sementes, para atualizar técnicas de conservação das plantas, renovar o conhecimento das plantas de finalidades medicinais e enriquecer as técnicas que aprenderam na infância.

Dessa forma, grande parte da agricultura urbana se inspira num aprendizado de produção que antecede à Revolução Verde. É uma agricultura que usa os recursos da terra, praticada em grande parte por pessoas idosas, conduzida na maioria das vezes por mulheres, com o propósito de prover a própria família. Curiosamente, é entre a população urbana, que viveu o enfrentamento mais bruto da tomada de terras, que há mais tempo se enraizou na cidade e se acostumou com as *novelinhas* da tarde e o movimento cotidiano do bairro, que se encontra a maior força da agricultura tradicional, que se conservam as práticas costumeiras da lida da terra e dos recursos.

Mas essa é, também, uma agricultura de trocas. Em geral, os migrantes de uma mesma origem tendem a se estabelecer num mesmo bairro. O estudo feito em Montes Claros mostrou que os agricultores que saíram de determinado conjunto de municípios próximos costumavam se fixar num mesmo conjunto de bairros, replicando na cidade maior o aglomerado de raízes comuns, parentesco, conhecimento e identidade, onde haveria segurança e proteção. E, assim, quando podem enfim retornar à agricultura, os agricultores urbanos inserem seu plantio nessa rede de trocas sociais e simbólicas.

Os alimentos que saem dos quintais agroecológicos urbanos vão então circular em meio a conterrâneos e parentes, como dádivas trocadas, pois os alimentos são distribuídos nos mesmos circuitos em que trocam informações sobre empregos, com a mesma lógica em que se protegem uns aos outros, pelos mesmos motivos que se tornam compadres e comadres, com a mesma frequência que se apoiam nas dificuldades financeiras. E assim uns cedem alimentos colhidos nas lavouras urbanas aos outros, fornecem essências das hortas de plantas medicinais, e esses alimentos e essências são cobiçados por-

que foram produzidos nessa mesma rede de valores e por isso são considerados sadios, fortes e valiosos – da mesma maneira que as tantas outras trocas que circulam para legitimar essas redes.

Técnicas e saberes adaptados

Os quintais desses agricultores urbanos exibem uma espantosa diversidade biológica. É muito frequente que em áreas inferiores a 30 metros² existam 60 ou mais espécies de plantas e em muitas variedades. Nos quintais de plantas medicinais, os agricultores conseguem ainda mais resultados: colocam em áreas minúsculas uma farmacopeia que serve a toda a família e a toda a vizinhança. Os agricultores urbanos de Montes Claros aproveitam a diversidade de recursos encontrada no município, adaptando cultivos de gerais para a mata e da mata para o cerrado. Descubrem também novos potenciais em velhos cultivos ao trocarem mudas e sementes com vizinhos, que por sua vez se reabastecem na terra natal. Já aqueles que recebem novidades se encarregam de exportar para suas áreas rurais de origem. A cidade acaba por se transformar num espaço antes inimaginável: um ponto de trocas de produtos tradicionais, que vão e voltam ao campo, integrando, filtrando e distinguindo técnicas próprias para o cerrado, a mata seca, os gerais e os campos de altitude.

No entanto, a diversidade e a variedade dos cultivos dependem de um fator essencial para o agricultor tradicional: a qualidade da terra. Como os solos de Montes Claros são bem diferentes entre si, muitos dos agricultores urbanos mudam de bairro ou do local em que moravam no mesmo bairro para buscar as melhores áreas de plantio, aquelas que se parecem com as terras que registraram nas lembranças. Como escolhem o que plantar e o tanto que podem plantar a partir do tipo de terra, acabam fazendo uma rica avaliação etnopedológica das áreas urbanas, percorrendo a cidade em busca dos solos e recursos mais favoráveis.

Preferem, sobre todas elas, aquela que denominam *terra preta*: uma terra oleosa, *gorda*, solta, mas *pegagente*, própria das beiras de água, sem minhocas, que responde muito bem à *molhação* e dá um retorno extraordinário na produtividade dos cultivos. Tomando a terra preta e a terra vermelha de chapada como extremos da boa e má qualidade, fazem uma cartografia das áreas urbanas que são ou não propícias para a agricultura. A beira do rio Vieira, que corta toda a cidade, não presta: é terra dura e com muita minhoca; mas são muito boas as terras dos altos das vazantes desse rio. A melhor terra está na região conhecida como Melancia, o lugar por excelência da terra preta. Na Abóbora também a terra é muito boa. Nas beiras do rio do Cedro, a terra preta fica nos altos, enquanto a terra vermelha está nos baixios. Também não é considerada boa a da região da Lagoa do Português, pois trata-se de terra vermelha, com muita minhoca.

Há um consenso entre todos os agricultores urbanos: as melhores terras de Montes Claros ficam nos bair-



ros Morada do Sol e Todos os Santos, mas os dois são habitados por gente endinheirada. As piores terras ficam em Morrinhos, no centro da cidade e no Maracanã. Consideram que a terra fica desperdiçada nos bairros de gente rica, porque ninguém planta. Já nos Morrinhos, não dá para plantar, porque é área de ocupação muito antiga e terra muito ruim. Mas Maracanã é outro caso: bairro de ocupação recente, com muitos lotes vagos, não construídos e ainda em parte uma espécie de fronteira urbana, recebe em maioria migrantes dos municípios de Coração de Jesus e Claros dos Poções, com solos de características muito semelhantes. Então, esses migrantes quando podem se tornar agricultores urbanos também não os estranham, porque já conhecem aqueles solos e recursos e os cultivam como num retorno à juventude.

Embora nem sempre se adaptem bem aos solos do bairro, não é certo que seja possível mudar de local. Por isso, criam técnicas para aumentar a fertilidade. Como é muito difícil conseguir esterco de gado bovino para fertilizar o solo, usam com frequência o esterco dos cavalos. Nisso são providos pelos carroceiros. Usam o esterco seco ou o queimam para evitar o cupim ou ainda o misturam com palha de milho picada

para fazer um composto que aumenta seu rendimento. Reciclam o lixo orgânico e degradável, misturam com esterco de cavalo e porções de terra preta e assim aumentam a fertilidade dos solos mais fracos. Entre esses agricultores circula uma receita para produzir a terra para horta: cinco porções de terra preta, duas de terra vermelha, uma de areia de chapada e duas de cinza.

Da mesma maneira que agricultores tradicionais de áreas rurais, esses agricultores urbanos usam bioindicadores. Muita minhoca indica terra imprópria para plantio; enquanto que a presença de cupim é considerada positiva. Angico, cedro, assa-peixe e capim colônia nos lotes são sinais de terra boa para cultivo. Já o solo empedrado do toá, cagaita e pequizeiro indicam terras piores. E a partir desses indicadores a paisagem urbana é relida. Muitos agricultores urbanos se guiam por esses parâmetros para procurar os lotes que querem, para trocá-los ou aceitar parcerias.

E, como no rural, praticam o agroextrativismo urbano. Sabem onde estão os frutos nativos e recursos aproveitáveis, como minas de terra preta, argila, tabatinga, umbuzeiros e pequi. E, se uma terra tem pouca serventia para cultivo, servirá para reboco ou para uma mistura com outra terra,

criando um substrato melhorado. As famílias coletam nas ruas o esterco de cavalo e, seja seco ou queimado, o filtram com água para usar nas plantas. Elas recolhem nos lotes vagos a entrecasca do juá para fazer sabão, que é bom para a pele e o cabelo. Usam a própria arborização urbana para recolher a folha nova de barriguda, que é picada, embebida e cozida no caldo de galinha: misturada com fubá resulta num angu primoroso. E assim a cidade é relida, como se voltasse ao tempo dos gerais, cerrados e matas. Hoje é coberta de casarios, carros, prédios, normas e ruas, mas segue povoada pelos mesmos e vivos costumes do povo do Norte de Minas Gerais.

Eduardo Magalhães Ribeiro
economista, professor associado do
ICA/UFMG
eduardomr@pq.cnpq.br

Giliarde de Souza Brito
assistente social
giliardebrito@hotmail.com

Flávia Maria Galizoni
antropóloga, professora adjunta do
ICA/UFMG
flaviagalizoni@yahoo.com.br

Hélder dos Anjos Augusto
administrador, professor adjunto do
ICA/UFMG
matacuane@gmail.com

Referências bibliográficas:

- BRITO, G.S. **Migrações rural/urbano e fluxos de conhecimento agroecológico**: o caso de Montes Claros, Minas Gerais. Dissertação (mestrado). ICA/UFMG, 2011.
- LUZ, C.; DAYRELL, C. **Cerrado e desenvolvimento**: tradição e atualidade. Montes Claros: CAA/Rede Cerrado, 2000.
- PAULA, H. **Montes Claros**: sua história, sua gente e seus costumes. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico IBGE, 1957.
- RIBEIRO, E.M. **História dos gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.